

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo Class.: Madeira 169

Data: 17/02/94 Pg.: 12

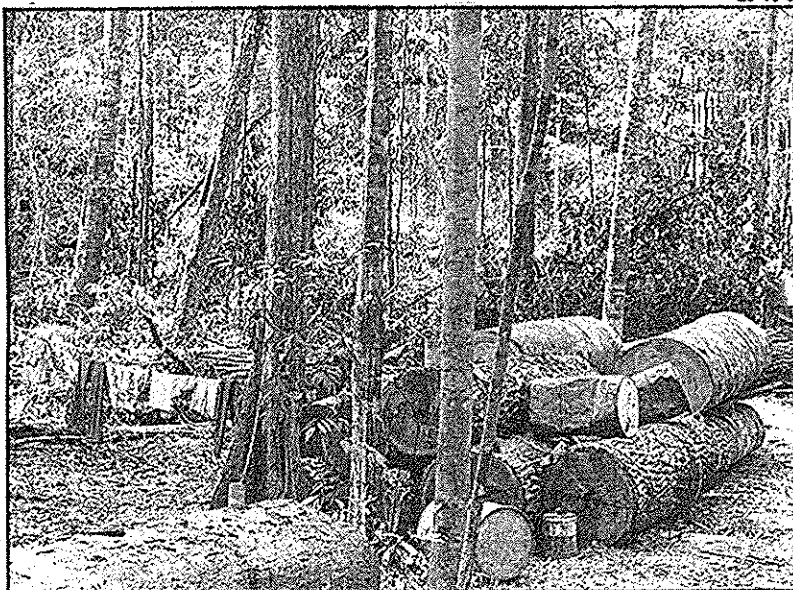
Madeira brasileira enfrenta restrições

DEBORAH BERLINCK
Correspondente

GENEBRA — Quando foi assinado em 1983, o Acordo Internacional de Madeira Tropical foi festejado pelo Brasil e demais grandes produtores de madeira tropical do mundo. Finalmente, consumidores e produtores concordavam em trabalhar juntos. Hoje, o cenário mudou e o acordo, inicialmente um mero acerto econômico para garantir a oferta de madeira tropical no mundo, está no centro de uma batalha ambientalista intensificada essa semana com o início de sua renegociação, na Suíça.

A validade do documento expira em março e um novo terá que substituí-lo. Mas agora, com a pressão internacional contra a destruição das florestas tropicais, o humor dos negociadores mudou. A Holanda, por exemplo, decidiu que a partir de 1995 só comprará madeira tropical de países que comprovadamente conservam suas florestas.

Brasil, Malásia e Indonésia lideraram um grupo de 23 países produtores — todos do Terceiro Mundo — numa campanha contra o que classificam de discriminação e “uma nova forma de colonialismo” orquestrada pelos 28 países consumidores, entre os quais Japão, Estados Unidos e integrantes da União Européia. Europeus e americanos são



Madeira da Amazônia: pivô das pressões ambientalistas contra o Brasil

grandes produtores de madeira de clima temperado.

Os produtores de madeira tropical dizem que as exigências de proteção os deixa em desvantagem devido à alta dos custos. Eles reivindicam que o acordo seja ampliado e que as mesmas exigências e controle passem a ser aplicadas para todos os outros tipos de madeira (das zonas temperadas e boreais do planeta), produzidas nos países ricos, que detém 90% do comércio mundial de madeira.

O estopim da batalha ambien-

talista foi o plano Objetivo 2.000, aprovado em 1991 pela ITTO (Organização Internacional de Comércio de Madeira, vinculada às Nações Unidas). Por ele, países como Brasil devem até o ano 2.000 produzir madeira tropical sem destruir suas florestas. A ITTO diz que o plano é um incentivo.

Porém, a delegação do Brasil na renegociação do acordo disse que o plano serve de desculpa para a discriminação da madeira tropical. Além da Holanda, cidades da Alemanha também estudam restrições.

Exportadores amargam redução do mercado

GENEBRA — O Governo brasileiro calcula que o país precisará de US\$ 6,5 bilhões nos próximos seis anos para cumprir a norma da ITTO. Para chegar a esse total, o Governo somou tudo: custos da elaboração de um inventário das florestas, investimentos para reformulação de indústrias, mudança de legislação, e até compra de equipamentos de combate ao fogo.

Se a norma estivesse valendo hoje, 90% das empresas brasileiras exportadoras de madeira — existem entre 90 a 100 na Amazônia — estariam fora do mercado, diz Ovidio Gaspareto, exportador brasileiro e vice-presidente da Associação de Exportadores de Madeira do Pará.

Segundo ele, somente as grandes madeireiras no Brasil exploram de forma sustentável suas florestas, por causa dos altos custos, que incluem mapeamento e até a contratação de engenheiros florestais. O comércio mundial de madeira tropical movimenta hoje US\$ 7,89 bilhões por ano.

O Brasil exporta cerca de 830 mil metros cúbicos de madeira por ano, mas, segundo Gaspareto, o volume total de vendas caiu cerca dez por cento nos últimos três anos por causa da pressão ambiental.